

**Resumo:** Para Santo Agostinho, o termo “ministério” em seu sentido religioso amplo designa “um serviço que se presta a Deus”. Em seu sentido mais estrito indica um serviço à Igreja. Daqui o conceito de “ministro”, como o que serve a Deus, a Cristo, à Igreja. Agostinho foi grande incentivador dos ministérios na Igreja, hierárquicos ou não, mostrando as condições para o seu exercício de forma eficaz para a evangelização: a oração e a meditação da Palavra, de um lado; e o testemunho de vida, de outro. Dedicou especial atenção à fundamentar o ministério do diácono, do presbítero e do bispo, como modos privilegiados de ser cristão e de contribuir na organização da Igreja, corpo de Cristo e toda ela ministerial.

**Abstract:** For Saint Augustine, the word “ministry” in a wider religious sense has the meaning of “service rendered to God.” But in a stricter sense it means a service rendered to the Church. Hence, the idea of “minister” as the one serving God, Christ, and the Church. Augustine was giving great incentive to the ministries of the Church, both by the hierarchy and laity, giving an overview of the conditions for the efficacy of the discharge of their mission of spreading the Gospel : both in prayer and meditation, and in their living witness to the word of God. He gave special attention to lay the foundation of the ministry of deacons, priests and bishops as privileged modes of Christian service in an attempt to organizing the Church as the body of Christ entirely engaged in ministry.

## Os ministérios em Santo Agostinho

*Dom Manoel João Francisco\**

---

\* O Autor é Bispo de Chapecó, SC.



S. Agostinho nasceu em 354 e morreu em 430. Estamos, portanto, entre o século IV e V. Escreveu muito, quase sempre para defender a fé católica, principalmente contra os maniqueístas, os donatistas, os pelagianos e arianos. Por causa de sua firmeza na doutrina e clareza de pensamento, seus contemporâneos, cristãos e pagãos, o tinham em grande consideração. A ele escreveu São Jerônimo: *Os católicos te veneram e te acatam como novo construtor da antiga fé e, o que é indício da maior glória, todos os hereges te maldizem*<sup>1</sup>. Um pagão chamado Longíneo, depois de ter-se encontrado com S. Agostinho e discutido com ele, definiu-o como *o mais excelente dos Romanos e um homem de bem como jamais existiu*<sup>2</sup>.

Em sua época, a doutrina dos ministérios, não foi contestada, por isso não precisou ser defendida, nem exposta de forma sistematizada. Seu pensamento sobre o assunto encontra-se em textos de circunstância, espalhados em toda a sua obra, especialmente em suas cartas e sermões<sup>3</sup>.

S. Agostinho não dá uma definição exata de ministério. Não se pergunta sobre o que é, mas como se vive o compromisso próprio de cada ministério. Sem preocupação essencialista, aplica diversos sentidos ao termo ministério. Desde o mais genérico até o mais técnico e específico.

Em sentido genérico, embora possa se referir a qualquer tipo de serviço ou ofício, como por exemplo, o dos médicos ou dos professores<sup>4</sup>, o termo ministério significa, de modo especial, o serviço que se presta a Deus<sup>5</sup>. Segundo S. Agostinho, ministro fiel é aquele que não espera ouvir o que deseja, mas antes deseja aquilo que ouve de Deus<sup>6</sup>.

Em sentido mais técnico e específico, aplica o termo ministério para designar qualquer serviço prestado na Igreja. Aos que exercem tais ministérios chama de “ministros de Deus”, “ministros de Cristo”, “ministros da Igreja”, “ministros eclesíasticos”<sup>7</sup>. Mais especificamente ainda,

<sup>1</sup> S. JERÔNIMO, Carta 141.

<sup>2</sup> Carta 234; cf. também Cartas 233 e 235.

<sup>3</sup> Gregory Dix discorda desta opinião. Segundo ele, S. Agostinho expõe seu pensamento sobre os ministérios de forma sistematizada, principalmente nos textos anti-donatistas. Cf. G. DIX, “Le ministère dans l’Église ancienne”, Delachaux & Niestlé, S.A., Neuchâtel, 1955, p.25.

<sup>4</sup> Comentário aos Salmos 87,10; Confissões 9, 2,2.

<sup>5</sup> Comentário aos Salmos 8,1 e 7.

<sup>6</sup> Confissões 10, 26,37.

<sup>7</sup> Comentário aos Salmos 102,13; Tratados sobre o Evangelho de João 51,12; Cartas 134,4 e 228,12.



S. Agostinho usa o termo ministro para os que foram estabelecidos nos vários graus dos ministérios hierárquicos e são autoridades na Igreja<sup>8</sup>. Entre esses, distingue os ministérios não ordenados, aos quais chama de *clérigos de ordem inferior*, dos ministérios ordenados, a quem atribui os títulos de *bispos, presbíteros e diáconos*<sup>9</sup>. No entanto, sacerdotes, no sentido próprio da palavra, são somente os bispos e os presbíteros<sup>10</sup>. De seus ministros Cristo exige apenas que o amem e demonstrem seu amor, amando suas ovelhas.

Existem três categorias de cristãos: clérigos (ministros, autoridades) monges (também chamados “servos de Deus”) e leigos. Cada uma destas categorias possui direitos e deveres diferentes. Em todas elas encontram-se bons e maus. Fundamenta esta afirmação com a passagem: “Dois homens estarão no campo, um será tomado e outro deixado, dois estarão no mesmo leito, um será tomado e outro será deixado, duas mulheres estarão moendo no moinho, uma será tomada e outra será deixada” (Mt 24,40-41; Lc 17,34). Segundo ele, os que estão no campo são os que governam a Igreja, os clérigos; os que estão no leito são os monges que, felizardos, podem usufruir da contemplação; as mulheres no moinho representam os leigos que permanecem no mundo, no meio da agitação da vida. De todas as categorias um é tomado, outro é deixado, significando que um é bom e o outro não<sup>11</sup>.

Os clérigos deviam ser pessoas bem preparadas. Por isso, fundou, em sua própria casa uma espécie de seminário para formar seus ministros, a partir do leitorato até o presbiterato.

Do programa de estudos, além da gramática e da retórica, faziam parte as seguintes disciplinas: línguas (grego e hebraico, além do latim) história, geografia, história natural, astronomia, artes mecânicas, dialética, matemáticas, música e filosofia.

Os cristãos em geral, mas de modo especial, os clérigos deveriam aproveitar tudo o que os pensadores pagãos, especialmente os platônicos ensinaram de útil e compatível com a nossa fé<sup>12</sup>. Se aos fiéis não era

<sup>8</sup> Comentário aos Salmos 67,19.34; Sermão 356,3.

<sup>9</sup> Carta 43,7-8.

<sup>10</sup> A cidade de Deus, 20,10

<sup>11</sup> Comentário aos Salmos 99,12-13.

<sup>12</sup> A doutrina cristã 2, 40,58.



conveniente ser inferiores aos pagãos com quem deviam conviver, menos ainda, era aos clérigos que tinham a missão de orientar os fiéis.

Os judeus, quando saíram do Egito, levaram consigo os objetos de ouro e prata que conseguiram dos egípcios. Da mesma forma deviam agir os cristãos em relação às doutrinas pagãs. Elas possuíam, por certo, ficções mentirosas, mas possuíam igualmente ensinamentos bastante apropriados ao uso da verdade e preceitos morais muito úteis à pregação do Evangelho<sup>13</sup>.

Dentre todas as disciplinas, S. Agostinho punha em destaque a retórica. Em sua opinião, através da retórica, se podia persuadir para o bem e servir a verdade<sup>14</sup>. Para atingir seu objetivo o orador devia fazer-se escutar com atenção, com prazer e com docilidade<sup>15</sup>. “É necessário que o orador eclesiástico, ao persuadir a respeito do dever a ser cumprido, não somente ensine para instruir e agrade para cativar, mas, ainda, convença para vencer. Não lhe resta, com efeito, senão um meio para levar o ouvinte a dar seu consentimento: o de convencer pelo poder da eloquência, no caso em que a demonstração da verdade unida ao encantamento da expressão não conseguiu fazê-lo”<sup>16</sup>.

Embora recomende a eloquência a seus clérigos, não se esquece de preveni-los quanto à condição fundamental do êxito: a oração e meditação da Palavra. “Ouve o que estás dizendo, quem quer que sejas, e se queres ser ouvido, primeiro escuta. E repete o que diz alguém em outro salmo: ‘Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo’ (Sl 84,9). Quem sou eu que não ouço o que o Senhor me fala e quero que os outros escutem o que é proferido por meu intermédio? Que eu ouça primeiro, ouça, principalmente ouça o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo. Ouça e castigue o meu corpo e o reduza à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado (1Co 9,27)”<sup>17</sup>. Embasado nesta convicção os sermões e todas as demais

<sup>13</sup> G. BARDY, “Saint Augustin. L’homme et l’oeuvre”, Desclée, de Brouwer, Paris, 1948, pp. 312-313; cf. A doutrina cristã 2,41,60; Carta 101, 2; Confissões 2,16,25-26.

<sup>14</sup> Contra o gramático Crescônio 2,3.

<sup>15</sup> A doutrina cristã 4,27,56.

<sup>16</sup> A doutrina cristã 4,13,29.

<sup>17</sup> Comentário aos Salmos 49,23.



obras de S. Agostinho estão recheadas de citações bíblicas. Os estudiosos conseguiram detectar mais de 40.000 citações<sup>18</sup>.

Lembre-se o pregador que pode conseguir muito mais pela “piedade de suas orações do que por seus talentos de orador”. Assim, orando por si, a fim de pronunciar bem o discurso e por aqueles a quem falará, para que tirem proveito, o pregador deve ser orante, antes de ser orador<sup>19</sup>. “Deve rezar a Deus para pôr em sua boca boas palavras. Porque, se a rainha Ester, no momento em que se dirigia ao rei para pedir-lhe a salvação temporal de seu povo, rezou a Deus para pôr em seus lábios as palavras convenientes (Est 4,17s; 14,13) quanto mais devem rezar para obter graça semelhante os que “no ministério da palavra e na instrução” (1Tm 5,17) trabalham para a salvação eterna dos homens”. O pregador que não escuta o Mestre interior não passa de inútil e extrínseco, pois no interior da alma somos todos ouvintes<sup>20</sup>. “Teu mestre está no teu interior; quando ensinas, de certo modo saís ao encontro daqueles que estão do lado de fora. No interior, de fato, ouvimos a verdade, e falamos àqueles que estão fora de nosso coração”<sup>21</sup>. O orador “à medida que se aproxima a hora em que usará da palavra e, antes de tomá-la, eleve sua alma sedenta a Deus, para saber derramar para fora o que hauriu, e comunicar o de que se impregnou... No momento mesmo de falar, que pense nesta palavras do Senhor, que se aplicam particularmente a coração bem disposto: ‘Quando vos entregarem não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que falareis naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós’ (Mt 10,19-20)”<sup>22</sup>.

Se o ouvinte não for tocado pela graça, nada acontecerá, pois ninguém consegue encontrar o Senhor se não lhe for concedido pelo Pai<sup>23</sup>. “Com efeito, nós falamos exteriormente, e o Senhor edifica interiormente. Notamos como ouvís, mas o que pensais, conhece-o apenas aquele que vê vossos pensamentos. Ele edifica, ele admoesta, ele atemoriza, ele abre o intelecto, ele aplica vosso modo de pensar à fé. Entretanto, nós

<sup>18</sup> A.G.HAMMAN, “Saint Augustin et la formation du clergé en Afrique chrétienne”, em IDEM “Études Patristiques. Méthodologie-liturgie-histoire-théologie, Beauchesne, Paris, 1991, p. 274.

<sup>19</sup> A doutrina cristã 4,31,63.

<sup>20</sup> Sermão 179,1; cf. também Tratados sobre o Evangelho de João, 20,3: “Temos dentro de nós Cristo como Mestre”.

<sup>21</sup> Comentário aos Salmos, 139,15.

<sup>22</sup> A doutrina cristã 4,16,32.

<sup>23</sup> Comentário aos Salmos 87,10.



também, como operários, trabalhamos: mas se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharam os que a edificaram”<sup>24</sup>.

Portanto, o pregador, por mais excelente que for, não vai além de um simples “seminator verborum”<sup>25</sup>. É Cristo quem fala nele e por ele. “Somos, pois ministros da palavra, não da nossa palavra, mas sim da palavra de Deus”<sup>26</sup>.

Preocupado com a fidelidade de sua pregação rezava: “Tira-me da boca e do coração toda incerteza e toda mentira. Que tuas Escrituras sejam castas delícias para mim; que eu não me engane sobre elas, nem a outros engane com elas. Senhor meu Deus, escuta-me e tem compaixão de mim, ó luz dos cegos e força dos fracos, e também luz dos que vêem e força dos fortes, presta atenção à minha alma, ouve-a enquanto clama do abismo profundo.[...]. Concede-me um pouco deste tempo para as minhas meditações sobre os mistérios de tua Lei.[...]. Queira a tua misericórdia que eu encontre graça junto a ti, a fim de que me sejam revelados os significados ocultos de tuas palavras, quando eu lhes bater à porta”<sup>27</sup>.

O testemunho de vida do orador é também condição imprescindível para a eficácia da pregação. A compreensão por parte dos ouvintes, será tanto melhor quanto mais cristalino for o testemunho de vida do pregador. “Com efeito, quem fala com sabedoria e eloquência, mas vive mal, por certo instrui a muitos, ávidos de aprender, se bem que fique ‘inútil para sua própria alma’ (Eclo 37,21)... Eis por que eles são úteis a muitos, ainda que dizendo o que não fazem. Mas seriam úteis a número bem maior de pessoas, se fizessem o que dizem. São legiões, com efeito, as pessoas que buscam justificar sua má vida pela conduta de seus superiores e dos prepostos a instruí-las, dizendo-se interiormente de coração, e por vezes até exteriormente, se seus sentimentos escapam pela boca: ‘O que prescreves, por qual motivo não o fazes tu próprio?’ Assim, os fiéis não escutam com docilidade quem não se escuta a si próprio, e desprezam a Palavra de Deus que lhes é pregada, ao mesmo tempo que desprezam o pregador. Finalmente, o Apóstolo, na sua carta a Timóteo, depois de ter dito ‘que ninguém despreze a tua jovem idade’, acrescenta neste termos

<sup>24</sup> Comentário aos Salmos 126,2.

<sup>25</sup> Sermão 150, 8,9.

<sup>26</sup> Sermão 114,1.

<sup>27</sup> Confissões, 11,2,3-4.



o meio de não ser desprezado: ‘Sê para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza’ (1Tm 4,12)<sup>28</sup>.

Aceitava em seu seminário somente pessoas que já tinham certa maturidade<sup>29</sup>, capazes de assumir as exigências próprias da função, principalmente os votos de pobreza e de celibato. Só era ordenado o candidato que se dispusesse a renunciar todos os seus bens, e estivesse disposto a viver em pobreza radical<sup>30</sup>. Os casados, a partir da ordenação, deviam viver em continência<sup>31</sup>. Também não eram aceitos os que tinham se casado duas vezes<sup>32</sup>, nem os que tivessem cometido algum tipo de delito, tais como, homicídio, adultério, fornicação, roubo, fraude, sacrilégio ou ações semelhantes<sup>33</sup>. Quando não estava seguro das intenções do candidato adiava e, até mesmo, suspendia a ordenação<sup>34</sup>.

Ainda como presbítero, na qualidade de perito, participou do Concílio geral da África, realizado em Hipona, no ano 393. Naquela oportunidade comentou diante dos bispos ali reunidos todos os artigos do credo<sup>35</sup>. Não tinha ilusão sobre o nível teológico dos bispos, nem sobre a urgência de sua formação. Por isso, com certeza, sua mão e opinião estão na redação do cânon que exige dos clérigos boa formação bíblica e idade mínima de 25 anos<sup>36</sup>.

S. Agostinho era bastante reticente quanto à clericalização de monges. Se algum deles quisesse fazer parte do clero, devia antes dar provas de que era realmente digno. Seria uma grande injúria aceitar na ordem dos clérigos os desertores dos mosteiros. Não se deve permitir que se façam gozações com chistes como estes: “mau monge, bom clérigo”. Além do mais, é bom que se tenha em conta que nem sempre um bom monge será um bom clérigo<sup>37</sup>. Que bom seria se ainda hoje os bispos

<sup>28</sup> A doutrina cristã 4,28,59-60; cf. também Sermão 101.

<sup>29</sup> Carta 31,7.

<sup>30</sup> Sermões 46,7,15 e 101,5,6.

<sup>31</sup> Sobre os cônjuges adúlteros 2,20,22.

<sup>32</sup> Dos bens do matrimônio 18,21.

<sup>33</sup> Tratado sobre o Evangelho de João 41,10.

<sup>34</sup> Carta 78,3.

<sup>35</sup> Posteriormente publicado com o título “A fé e o Símbolo”.

<sup>36</sup> C.J. HÉFÉLÉ, “Histoire des conciles”, Letouzey et Ané Éditeurs, Paris, 1908, t. II, 1. VIII, p. 86.

<sup>37</sup> Carta 60,1.



tivessem os mesmos cuidados em relação à passagem de religiosos para o clero secular.

Durante a liturgia os ministros deviam ocupar um lugar mais elevado na assembléia, “não para estarem ali cheios de orgulho, mas para pensarem no encargo de que hão de dar contas”<sup>38</sup>.

Na Igreja de S. Agostinho existiam os seguintes ministérios: catequistas, porteiros, exorcistas, acólitos, leitores, salmistas, subdiáconos, diáconos, presbíteros e bispo. A função de cozeiro, com muita probabilidade não era considerada um ministério hierárquico<sup>39</sup>. Havia também um grupo de leigos, chamados “seniores laici”, “seniores Ecclesiae” ou simplesmente “seniores”, encarregados da administração dos bens e da manutenção dos prédios. Constituíam uma espécie de conselho para assuntos econômicos da diocese<sup>40</sup>. Além disso, em suas conversas, apresentavam ao Bispo questões teológicas<sup>41</sup>. Santo Agostinho considerava também a paternidade como um ministério, comparando-a, inclusive, com o episcopado<sup>42</sup>.

**O catequista:** O ministério de catequista era assumido com muita frequência pelo diácono, pelo presbítero e até pelo bispo. No início do seu ministério de presbítero, S. Agostinho por incumbência de seu Bispo, Valério, assumiu o ministério de catequizar os catecúmenos. Ao diácono Deogratias de Cartago S. Agostinho dirigiu o seu *De Catechizandis rudibus*<sup>43</sup>. Neste livro faz afirmações muito interessantes sobre o catequista. Suas palavras devem ser tais que aquele que as ouve, *ouvindo creia, crendo espere e, esperando ame*.

O catequista não deve rejeitar ninguém. Através de seu ministério, Deus é capaz de converter, até mesmo, aqueles cuja motivação inicial era dúbia ou mal intencionada.

“Se, porém, o que se aproxima da fé espera com isso alguma recompensa de alguém a quem não acredita poder agradar de outra forma, ou tenta escapar de algum prejuízo causado por indivíduos cujo desagrado

<sup>38</sup> Sermão 191,5.

<sup>39</sup> Contra o gramático Crescônio 3,29,33.

<sup>40</sup> Contra o gramático Crescônio 3,29,33; 3,56,62.

<sup>41</sup> A adivinhação diabólica 1,1.

<sup>42</sup> Tratados sobre o Evangelho de João 51,13.

<sup>43</sup> A tradução brasileira desta obra foi publicada pela Editora Vozes com o título *A Instrução dos Catecúmenos*.





ou inimizade receia, não deseja realmente tornar-se cristão, mas simular o que deseja: a fé não está no corpo que se inclina, mas na alma que crê. Muitas vezes, entretanto, mostra-se nitidamente a misericórdia de Deus através do ministério do catequista e o novato, levado pela palavra, passa a desejar ser de fato, o que decidira simular<sup>74</sup>.

Do catequista se espera três atitudes: humildade, alegria e capacidade de se adaptar às circunstâncias e ao auditório. A exemplo de Cristo que se aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de escravo até a morte de Cruz e se fez fraco com os fracos a fim de ganhar os fracos, o catequista precisa descer das alturas de seus conhecimentos e vir para a planície dos que ainda não conhecem, falar com simplicidade e “demorar-se na lentidão das sílabas”<sup>75</sup>. A alegria é outra condição para se realizar com proveito uma catequese. Nada é mais comunicativo do que o prazer e a alegria daquele que ensina. “O fio da nossa elocução é tocado pela nossa alegria e desenrola-se mais fácil e mais inteligível... Aquele que catequiza, quem quer que seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração, quanto mais puder alegrar-se o catequista”<sup>76</sup>. Além da humildade e da alegria, o catequista precisa ter em conta a diversidade de público. É muito diferente falar para muitos ou poucos, para cultos ou incultos, ou uns e outros, para pessoas da cidade ou do campo, ou uns e outros. “Apesar de que a mesma caridade se deve a todos, a todos não se aplica o mesmo remédio: assim também, a mesma caridade gera a uns, torna-se fraca em relação a outros, procura edificar a uns, teme ferir a outros; com uns carinhosa, com outros severa, de nenhum inimiga, de todos é mãe”<sup>77</sup>.

**O salmista:** Como o catequista, o salmista era um ministério sem titular<sup>48</sup>, geralmente exercido pelo leitor<sup>49</sup>.

**O porteiro:** O termo porteiro (ostiário) algumas vezes é empregado por S. Agostinho para indicar o próprio Cristo. No entanto, tudo indica que era também um ministério exercido na liturgia<sup>50</sup>.

<sup>44</sup> A Instrução dos Catecúmenos, Ed. Vozes, Petrópolis, 1973, pp. 44-45.

<sup>45</sup> A Instrução dos Catecúmenos, Op.Cit., p. 55.

<sup>46</sup> A Instrução dos Catecúmenos, Op. Cit., p. 37.

<sup>47</sup> A Instrução dos Catecúmenos, Op. Cit., p. 67.

<sup>48</sup> Contra o gramático Crescônio 4,29,33.

<sup>49</sup> Comentário aos salmos 138,1; 146,1; 40,1; 21,29.

<sup>50</sup> Sermão 46,31.



**O exorcista:** Ao comentar a tentação de Eva pela serpente, S. Agostinho cita o ministério do exorcista<sup>51</sup>. Numa passagem do “Contra o gramático Crescônio”, informa que Primiano reivindica a casa de Maximiano para fazer dela a moradia do exorcista da Igreja<sup>52</sup>. Não se tem certeza se o exorcista era também presbítero, mas tudo indica que sim. Foi um presbítero que, através de fervorosas orações e da celebração da Eucaristia, afugentou os espíritos malignos que atormentavam os servos e os animais de certo homem chamado Hespério, proprietário de uma área na localidade de Zubedi, no território de Fussala<sup>53</sup>. Uma senhorita de Hipona ungida com óleo misturado com lágrimas do presbítero que rezava por ela ficou livre do diabo<sup>54</sup>. Um homem possuído pelo espírito imundo costumava dizer quando um presbítero, que morava há doze milhas de sua casa, começava a sair para visitá-lo. Dizia onde se encontrava no trajeto e quando se aproximava e entrava na propriedade e na casa, até chegar à sua presença. Não aceitava dos seus familiares qualquer alimento, mas somente do presbítero. Resistia os da própria casa com violência, mas tranquilizava-se com a chegada do presbítero<sup>55</sup>.

**O acólito:** S. Agostinho não nos dá muitas informações sobre o ministério de acólito. Em algumas cartas menciona alguns deles (Albino, Leão) que servem seus bispos, muitas vezes, como estafetas<sup>56</sup>.

**O leitor:** Segundo S. Agostinho, o leitor além de ler as escrituras na liturgia, devia cantar os salmos que o pregador iria comentar<sup>57</sup>. É o próprio Deus quem fala pela boca do leitor<sup>58</sup>. Somos, por isso, convidados a escutar a leitura com os ouvidos do coração<sup>59</sup>. A leitura da Bíblia na liturgia, no entanto, não era exclusividade do leitor. Um diácono podia fazê-la, ou até mesmo, o próprio bispo<sup>60</sup>. Os leitores guardavam em suas casas as Escrituras, ao menos, em tempo de perseguição<sup>61</sup>.

<sup>51</sup> Comentário literal ao Gênesis 11,28,35.

<sup>52</sup> Contra o gramático Crescônio 4,47,57.

<sup>53</sup> A cidade de Deus 22,8,6.

<sup>54</sup> A cidade de Deus 22,8,8.

<sup>55</sup> Comentário literal ao Gênesis 12,17,35.

<sup>56</sup> Cartas 191,1; 192,1; 193,1; 194,1.

<sup>57</sup> Comentário aos salmos 32,1,5.

<sup>58</sup> Sermão 129,1.

<sup>59</sup> Sermão 17,1,1.

<sup>60</sup> Sermão 356,1; 163 B,2.

<sup>61</sup> Contra o gramático Crescônio 3,29,33; Carta 53,2,4.



O leitorato era uma função de muito prestígio. Os leitores, por isso, deviam ser pessoas razoavelmente preparadas em escolas próprias, onde, além das ciências profanas se estudavam “as ciências eclesiásticas”. Desta categoria de clérigos, muitas vezes, se escolhiam os novos bispos, como foi o caso do leitor Antônio, eleito bispo de Fussala, uma diocese criada por S. Agostinho, desmembrando-a do território de Hipona<sup>62</sup>. Majorin, bispo donatista, também era leitor quando foi indicado para bispo<sup>63</sup>.

O prestígio da função fazia com que alguns se atribuíssem o título de leitor, sem de fato sê-lo. “Tu próprio não te adiantes a gerar escândalo na igreja, lendo ao povo Escrituras que o cânone eclesiástico não admite... Admira-me muito que possa ser chamado leitor quem leu as Escrituras uma só vez, e, ainda por cima, as não canônicas. Se, por ter lido uma vez, já é leitor litúrgico, então também aquela leitura deverá chamar-se eclesiástica. Mas, se aquela leitura não é eclesiástica, seja quem for que a tenha lido, mesmo na igreja, não é leitor eclesiástico”<sup>64</sup>.

Algo mais ou menos parecido com os coroinhas de hoje, os leitores iniciavam seu ministério ainda meninos<sup>65</sup>. Em assembleias mais numerosas, seu timbre de voz permitia uma melhor audição da Palavra de Deus. “Em 484, o clero de Cartago compreendia cerca de quinhentas pessoas, *inter quos quam plurimi erant lectores infantuli*”<sup>66</sup>. Ao chegar à puberdade deviam se casar ou fazer voto de celibato<sup>67</sup>.

**O subdiácono:** Os subdiáconos são citados diversas vezes nas cartas de S. Agostinho. Patrício, seu sobrinho, filho de uma de suas irmãs, exerceu este ministério em Hipona. No entanto, não se tem maiores informações a respeito do que faziam estes ministros. A Carta 236 informa que um subdiácono era guardião de uma pequena igreja em Verdier, a 17 quilômetros de Hipona. Sabe-se também que os subdiáconos foram

<sup>62</sup> Carta 209,3.

<sup>63</sup> A. G. HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1989, p. 19. Sobre a importância do leitorato como início de carreira, cf. L. DUCHESNE, “Origines du culte chrétien. Étude sur la liturgie latine avant Charlemagne”, E. de Boccard Éditeur, Paris, 1925, p.366-367.

<sup>64</sup> Carta 64,3.

<sup>65</sup> Sermão 352,1.

<sup>66</sup> L. DUCHESNE, Op. Cit. p. 367, em nota ao pé da página.

<sup>67</sup> Concílio de Hipona, cân. 2; cf. A. G. HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit., p. 69.



alvos prediletos na perseguição dos donatistas. Um deles foi apedrejado por aqueles dissidentes até desfalecer, além de ter sua casa destruída<sup>68</sup>.

**O diácono:** Tudo indica que o diaconato na Igreja de S. Agostinho não tinha função social. Era apenas uma etapa entre o leitorato e presbiterato. Embora existisse na Igreja de Hipona um serviço muito bem organizado em favor dos pobres, S. Agostinho nunca se refere aos diáconos como administradores ou responsáveis por este serviço, nem mesmo nos sermões em honra a S. Lourenço<sup>69</sup>. Quando quis abrir um albergue para os numerosos transeuntes que passavam por Hipona<sup>70</sup> serviu-se dos préstimos do presbítero Leporius<sup>71</sup>. A função do diácono para S. Agostinho parece, portanto, se restringir ao âmbito litúrgico-catequético: anunciava a oração comum<sup>72</sup>, assumia o ministério da catequese, proclamava o Evangelho na liturgia, recebia as ofertas que eram levadas ao altar, ajudava na distribuição da comunhão, apresentando aos fiéis o cálice com vinho e visitava os enfermos<sup>73</sup>. Como os subdiáconos, também os diáconos foram alvos da fúria donatista<sup>74</sup>.

Numa de suas cartas, S. Agostinho se desculpa diante de um colega, o Bispo Novato, por ter retido em sua diocese o diácono Lucilo de grande utilidade no serviço de evangelização em Hipona porque falava muito bem o latim<sup>75</sup>.

**O presbítero:** A palavra presbítero aparece 267 vezes nas obras de S. Agostinho<sup>76</sup>. Com exceção de oito, todas as outras vezes, com o sentido técnico de membro do colégio presbiteral, participante do sacerdócio ministerial e colaborador imediato do bispo<sup>77</sup>.

<sup>68</sup> Carta 105,2,3.

<sup>69</sup> Sermões 302 e 303; cf. também A.G. HAMMAN, "De l'Agape à la diaconie en Afrique chrétienne", em IDEM, "Études patristiques....Op. Cit., p.146.

<sup>70</sup> Hipona era uma cidade portuária. Em meio à multidão que por ela passava, grande número era de trabalhadores sazonais, viúvas e mendigos profissionais.

<sup>71</sup> Sermão 356,10.

<sup>72</sup> Carta 55,18,34.

<sup>73</sup> A Cidade de Deus, 22,8,3; Sermões 302,1; 356,1; 303,1; 304,1 Cartas 111,8; 149,16; Comentário aos Salmos 127,7.

<sup>74</sup> Contra as cartas de Petiliano 2,83,184.

<sup>75</sup> Carta 84,1-2.

<sup>76</sup> Nas cartas 154 vezes, cf. M. G. GOMEZ, "Los significados y las funciones de 'presbyter' en los escritos de san Agustín", em Revista Agustiniiana 115-116(1997)298 e 303.

<sup>77</sup> Cf. JIMÉNEZ-VILLAREJO, "Presbyter", em "Thesaurus linguae latinae", X,2, fasc. VIII, München, 1995, col. 1187, citado por M. G. GOMEZ, "Los significados y las funciones de 'presbyter' en los escritos de san Agustín", Op. Cit, p. 298.



Alguém se tornava presbítero pela eleição e pela ordenação. A eleição, geralmente, era feita pelo bispo com o assentimento da comunidade<sup>78</sup>, o mesmo procedimento adotado para a eleição de um novo bispo<sup>79</sup>. Os eleitos, de ordinário, pertenciam à comunidade em que iam exercer seu ministério, mas havia exceções. Às vezes, os presbíteros eram até estrangeiros como o espanhol Eucário, presbítero em Calama<sup>80</sup> (hoje Guelma). A ordenação se dava pelo rito da imposição das mãos feito pelo bispo, acompanhada de uma oração consagratória<sup>81</sup>, cujo efeito era validar o rito, constituindo o candidato ministro da palavra e dos sacramentos<sup>82</sup>. Numa discussão com Petiliano, S. Agostinho demonstra que Timóteo não era leigo. Como prova lembra a recomendação de S. Paulo: “Não te descuides do carisma que está em ti, que te foi dado mediante uma profecia acompanhada da imposição das mãos dos presbíteros” (1Co 4,14)<sup>83</sup>. Não havia nada de mágico. “Com efeito nenhum de seus discípulos deu o Espírito Santo. Oravam, sim para ele descer sobre aqueles a quem impunham as mãos, mas eles mesmos não o davam. Este costume a Igreja ainda conserva entre seus ministros”<sup>84</sup>.

De ordinário, chegava-se ao presbiterado e episcopado passando-se pelos ministérios inferiores<sup>85</sup>. Evitava-se desta forma a ordenação de pessoas menos qualificadas como aconteceu com o leitor Antonio, indicado para bispo de Fussala. Desta decisão, S. Agostinho arrependeu-se profundamente. Para reparar sua imprudência, até pensou em retirar-se do exercício de seu ministério de bispo e entregar-se a lamentos dignos de seu erro<sup>86</sup>.

Em caso de delito (heresia, conduta indecorosa...), o presbítero podia ser deposto de seu ministério, ou seja, perdia o estado clerical<sup>87</sup>, depois de ter sido submetido a um processo rigoroso<sup>88</sup>. Perdia o estado

<sup>78</sup> POSSÍDIO, “Vida de Santo Agostinho”, 21,2.

<sup>79</sup> Carta 213. Esta carta é a ata de nomeação do sucessor de Agostinho, escrita no dia 26 de setembro de 426.

<sup>80</sup> A Cidade de Deus, 22,8,12.

<sup>81</sup> Carta 78,3; Contra o gramático Crescônio 2,11,13.

<sup>82</sup> Comentário aos Salmos 109,1.

<sup>83</sup> Contra as cartas de Petiliano 2,106,243.

<sup>84</sup> A Trindade, 15,26,46.

<sup>85</sup> Carta 63,4; Sermão 356.

<sup>86</sup> Carta 209,10.

<sup>87</sup> Cartas 78,4; 77,2; 65,1,2; 35,1.

<sup>88</sup> Cartas 65,2 e 251.



clerical, mas não o caráter sacramental<sup>89</sup>. A ordenação, mesmo quando dada e recebida ilicitamente, permanece definitivamente naquele que a recebeu<sup>90</sup>. O exercício do ministério podia também cessar, por um ato de renúncia, sem que a ordenação fosse anulada<sup>91</sup>.

Depois de deposto, o clérigo, presbítero ou bispo, não voltava nunca mais a exercer o ministério, mesmo tendo feito penitência e tendo sido reconciliado com a Igreja. Para os clérigos donatistas, porém, se fazia exceção. Em vista da paz eles eram reintegrados na Igreja sem perder a honra da clericatura ou do episcopado<sup>92</sup>. Justificava-se esta exceção com o exemplo de Davi e de S. Pedro. Nem Davi deixou de ser rei, nem S. Pedro deixou de ser apóstolo depois de terem feito penitência<sup>93</sup>.

S. Agostinho foi ordenado presbítero, contra a sua vontade, provavelmente no início de 391. É ele mesmo quem dá esta informação: *Fui agarrado e feito presbítero*<sup>94</sup>. *Um dia forçaram-me a ser lugar-tenente de bordo, a mim que nem sequer sou capaz de empunhar um remo*<sup>95</sup>.

Não foi o único a ser padre à força. Os antigos não tinham uma concepção de liberdade tão delicada quanto a nossa. O Pe. Long-Haselmans, depois de citar alguns mais famosos tais como S. Ambrósio, Pauliniano, irmão de S. Jerônimo, S. Basílio, S. João Crisóstomo, S. Gregório Nanzianzeno, S. Martinho, S. Paulino e S. Gregório Magno, diz que o século IV foi um período de ordenações forçadas<sup>96</sup>.

<sup>89</sup> O Batismo, 1,1,2.: "Assim como o batizado, ao separar-se da unidade, não perde o sacramento do batismo, assim também o que foi ordenado, ao separar-se da unidade, não perde o sacramento de administrar o batismo... Os que já estavam batizados antes de se separarem não são rebatizados quando regressam; do mesmo modo os que se convertem, se tinham sido ordenados antes da sua separação, não são ordenados de novo: ao contrário, se a unidade da Igreja o exige, continuam a administrar o que antes administravam, ou, se não administram, conservam sempre o sacramento da sua ordenação; e, por isso, não se lhes impõem as mãos como se fossem leigos..."

<sup>90</sup> Dos bens do matrimônio 24,32.

<sup>91</sup> Carta 128. Nesta carta os bispos católicos aceitam renunciar suas sedes para permitir aos bispos donatistas a volta à unidade.

<sup>92</sup> Carta 128.

<sup>93</sup> Carta 185,10,45.

<sup>94</sup> Sermão 355,2.

<sup>95</sup> Carta 21,1.

<sup>96</sup> Ver. S.R., 1951, p. 279, citado por J. PINTARD, "Le sacerdoce selon S. Augustin", *Maison Mame*, Paris, 1960, p. 342; cf. também J. GAUDEMET, "L'Église dans l'Empire romain: IVe-Ve siècles", Paris, 1958, citado por A. HAMANN, "Santo Agostinho e seu tempo", *Op. Cit.* p. 213.



Apesar de ter sido forçado, S. Agostinho assumiu o ministério de presbítero e depois de bispo com muito zelo e santidade. Escreve com frequência em suas cartas que, por causa dos muitos afazeres, pouco tempo lhe sobrava para os estudos e para a correspondência com os amigos<sup>97</sup>.

Com certeza, sua experiência lhe deu autoridade para discordar das ordenações forçadas. Certa feita, em um “affaire” longo e confuso, cheio de acusações e mal-entendidos, com muitas idas e vindas, parece ter sustado a ordenação forçada de um rico e piedoso senhor de nome Piniano<sup>98</sup>.

Logo após sua ordenação presbiteral, S. Agostinho escreveu uma carta ao seu bispo Valério, solicitando permissão de alguns meses de estudos, antes de ser indicado para qualquer função na Igreja de Hipona<sup>99</sup>. Nesta carta, encontra-se de forma mais ou menos sistemática o pensamento que o neo-presbítero fazia de sua missão e como pretendia realizá-la.

Declara-se contrário à concepção mundana que já em seu tempo se fazia do ministério – uma carreira, um meio para satisfazer mesquinhas ambições. Aliás, desde o tempo dos Apóstolos, o carreirismo sempre foi uma tentação (cf. Mt 18,1-5; 23,11; Mc 9,33-36; Lc 9,46-48).

Na sua concepção, os ministérios de diáconos, presbíteros e bispo, para além do perigo e peso que contém, são um dom que faz feliz aquele que os exerce segundo a vontade de Deus.

“Peço antes de tudo que tua religiosa prudência considere que nesta vida, máxime nestes tempos, nada de mais fácil e agradável aceitação entre os homens existe do que o ministério de bispo, presbítero ou diácono, quando se desempenha por mero cumprimento ou adulação. Porém, nada de mais torpe, triste e abominável diante de Deus do que tal conduta. Da mesma forma, nesta vida e particularmente nestes tempos difíceis não há nada mais pesado, laborioso e perigoso do que a função de bispo, presbítero ou diácono. Mas também não há nada de mais santo

<sup>97</sup> Cartas 110,5; 101,3; 139,3; 98,8.

<sup>98</sup> Cartas 126; 125; 124; cf. também F. VAN DER MEER, “San Agustín, pastor de almas, vida y obra de un padre de la Iglesia”, E. Herder, Barcelona, 1965, pp. 200-205.

<sup>99</sup> Trata-se da Carta 21.



diante de Deus, quando trabalhamos do modo como o nosso Imperador manda...”<sup>100</sup>.

De fato, o presbiterado é algo de muito santo, mas é também algo de grande responsabilidade. Por isso mesmo, causa certo medo e preocupação.

“...já antes considerava este ministério como muito perigoso. Tal foi o motivo daquelas lágrimas que alguns irmãos me viram derramar na cidade, no tempo da minha ordenação... Mas agora experimentei outras dificuldades maiores e mais profundas. Não que tenha descoberto novas correntes ou tempestades ignoradas, nunca ouvidas, lidas ou pensadas por mim, mas sim porque desconhecia minhas forças e sagacidade para evitá-las e afrontá-las”<sup>101</sup>.

Diante desta consciência, S. Agostinho não vê outra saída a não ser a da oração e do estudo da Sagrada Escritura, ou melhor, da meditação da Palavra de Deus, acompanhada da oração fervorosa.

“Agora sei, com certeza, que devo estudar todos os remédios contidos nas suas Escrituras e dedicar-me à oração e à leitura. Devo adquirir para tão perigoso posto, a necessária saúde da minha alma”<sup>102</sup>.

Uma das funções que o bispo lhe atribuiu foi a de pregar aos fiéis. Até então esta função era exclusiva dos bispos<sup>103</sup>.

S. Agostinho sabe muito bem que uma coisa é o conhecimento de Deus exigido de um fiel e outra é o conhecimento de quem deve ensinar.

“Atrevo-me a confessar que conheço e com plena fé retenho o que diz respeito à minha própria salvação. Mas como hei de administrá-la aos demais sem buscar minha própria utilidade, e sim a salvação dos outros? Talvez haja certos conselhos nos Sagrados Livros (e não resta dúvida que os há), cujo conhecimento e compreensão ajudam ao homem de Deus tratar com mais ordem os assuntos eclesiais, ou pelo menos a viver

<sup>100</sup> Carta 21,1.

<sup>101</sup> Carta 21,2.

<sup>102</sup> Carta 21,3.

<sup>103</sup> Seguindo seu próprio exemplo, S. Agostinho introduziu o costume de os presbíteros também pregarem e não apenas o bispo. Neste sentido faz inclusive uma exortação aos fiéis: “Exortamos a vossa caridade a ouvir com diligência e atentamente, e não de maneira despreocupada, a palavra de Deus que vos é explicada pelos presbíteros” (Sermão 20,4).





com sã consciência entre os ímpios, ou a morrer para não perder aquela vida a que suspiram os corações cristãos humildes e mansos”<sup>104</sup>.

Os estudos e a oração devem ser levados muito a sério. Só depois de se ter dedicado um bom tempo a eles é que se pode ir ao trabalho pastoral. A falta de tempo não pode ser desculpa para a pouca formação.

“Acaso terei de responder ao divino juiz: não pude formar-me convenientemente, pois impediram-me os negócios eclesiásticos? Ele me replicará: Servo mau! Supõe que aparecesse alguém pretendendo uma granja da Igreja, na qual tanto esforço se faz para recolher frutos. Tu desprezarias o campo que reguei com meu sangue, para intervir, se apenas isso fosse possível, junto aos juizes da terra, e todos estariam de acordo contigo, e muitos até te mandariam e exigiriam que fizesses justiça. E tu o farias. Inclusive atravessarias os mares se a sentença te fosse contrária. Ficarias assim ausente por um ano ou mais, sem que ninguém reclamasse. E tudo isso para não deixar cair nas mãos de outros um terreno necessário não à alma, mas ao corpo dos pobres. No entanto, a fome deles poderia ter sido saciada pelas plantas vivas da Igreja com maior facilidade e complacência minha, se estivessem melhor cultivadas. Por que pois alegas que te faltou tempo para aprender minha agricultura?”<sup>105</sup>.

O bispo: S. Agostinho foi ordenado bispo em 395 com 41 anos de idade. Conforme ele mesmo confessa, sentiu muito medo do ofício de bispo e desde o início de seu ministério procurou evitar qualquer tipo de cooptação ou privilégios.

“A partir do momento em que foi colocado sobre meus ombros este cargo de tanta responsabilidade, atormenta-me a preocupação da dignidade que o acompanha. De fato, o que há de mais temível neste ministério é o perigo de nos satisfazer mais o seu aspecto honorífico do que sua utilidade para a vossa salvação”<sup>106</sup>.

Os bispos daquela época ocupavam uma posição social equivalente ou superior a de governador de província no império. Os governadores eram nomeados por um breve espaço de tempo, enquanto que o bispo era ordenado para o resto da vida. O episcopado, por isso, era muito cobijado. Significava muitas vantagens em termos de dinheiro e de poder. Desta forma, com freqüência, se encontravam no episcopado pessoas

---

<sup>104</sup> Carta 21,4.

<sup>105</sup> Carta 21,5.

<sup>106</sup> Sermão 340.1.



nada recomendáveis, afeitas à prática da usura<sup>107</sup> e que, em troca de benefícios, facilmente se deixavam cooptar pelos grandes senhores de terra<sup>108</sup>, tornando-se eles mesmos pequenos tiranos de aldeia<sup>109</sup>.

Numa reunião acontecida em Cirta, no ano 305 para uma eleição episcopal, de uma dezena de bispos que ali se encontravam, quatro tinham entregado as Escrituras durante a perseguição de Deocleciano. Purpúrio, bispo de Limata, era acusado de ter matado dois sobrinhos. Até mesmo o bispo de Cartago encontrava-se sob suspeitas. Num trecho da ata desta reunião encontra-se o seguinte diálogo: “*Segundo a Purpúrio: Diz-se que tu mataste dois filhos de tua irmã em Mileva. Purpúrio a Segundo: Pensas que tu me assustas, como os outros? E tu, o que fizeste? Tu, que o curador e o conselho intimaram a entregar as Escrituras? Como conseguiste sair dessa senão entregando-as ou mandando entregar tudo? Não foi sem razão que te deixaram ir! Quanto a mim, sim, eu matei e matarei todos aqueles que são contra mim. Por isso aceita um conselho: não me provoques nem me faças dizer mais do que isso. Tu sabes que eu não poupo ninguém*”<sup>110</sup>.

Foi sem dúvida, sob a influência de S. Agostinho que o Concílio de Cartago em 397 declarou “criminoso todo aquele que ingressando pobre nas ordens, tenha se transformado em proprietário fundiário”. Preservar da tentação dos bens e das honras foi certamente a intenção de S. Agostinho, ao implantar a vida comunitária do clero em Hipona<sup>111</sup>. Mesmo assim, sabe-se pelos sermões do Santo que alguns clérigos custavam muito a se despojar dos próprios bens.

“Todos, ou quase todos, sabem que nesta casa, chamada casa do bispo, vivemos de tal modo que, na medida de nossas forças, imitamos aqueles santos dos quais diz o livro dos *Atos dos Apóstolos: Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. [...]*. É assim que vivemos. A ninguém é permitido, na comunidade, ter alguma coisa própria. Mas talvez alguns tenham. Ninguém está autorizado; se alguns o têm, fazem o que não lhes é permitido. Penso bem dos meus

<sup>107</sup> Comentário aos salmos 128,6; Sermão 137,12; Tratado sobre o Evangelho de João 46,8.

<sup>108</sup> Sermão 137,14; Carta 85.

<sup>109</sup> P. BROWN, “Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990, p.349.

<sup>110</sup> A. G. HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit. p. 211.

<sup>111</sup> A.G.HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit. p. 212.



irmãos, e, por pensar sempre bem, abstive-me de investigar sobre isso, uma vez que, proceder assim me parecia desconfiar deles. Sabia e sei que todos os que vivem comigo conhecem o nosso propósito e a nossa norma de vida...

Como sabeis um presbítero da nossa sociedade, da qual dá testemunho a leitura escutada, ao aproximar-se da morte, fez testamento porque tinha razão para fazer. Com efeito, estava na posse de algo a que chamava seu, apesar de viver nessa sociedade onde a ninguém é lícito chamar seu seja o que for, pois todas as coisas devem ser comum...<sup>112</sup>.

A falta de formação era outro problema do clero no tempo de S. Agostinho, principalmente do clero rural<sup>113</sup>. Frequentemente aqueles homens tinham sido apenas “apaziguados pela piedade”<sup>114</sup>. Na Conferência de Cartago em 411 se fizeram presentes vários desses bispos rurais que, além de não entenderem quase nada de latim, assinaram as atas com uma cruz, mostrando que não sabiam escrever o próprio nome<sup>115</sup>. A falta de instrução aparecia também nas celebrações. As leituras eram tão mal feitas a ponto de fazer rir alguns catecúmenos medianamente instruídos<sup>116</sup>. Quando se punham a improvisar as orações, cometiam os erros mais rudimentares. S. Agostinho precisou acalmar alguns fiéis que estavam duvidando da validade do seu batismo<sup>117</sup>.

Outro problema freqüente do meio do clero, inclusive entre os bispos, era o alcoolismo<sup>118</sup>, o entusiasmo pelos espetáculos e a intemperança<sup>119</sup>. Um subdiácono de nome Rusticiano, por causa de seus perversos e réprobos costumes, acabou se endividando de forma muito séria. Para livrar-se de seus credores se fez donatista, mas acabou linchado pela multidão que o surpreendeu numa tentativa de roubo<sup>120</sup>. Um presbítero

<sup>112</sup> Sermões 355,2 e 356,2.

<sup>113</sup> POSSÍDIO, “Vida de S. Agostinho”, 27,10.

<sup>114</sup> A doutrina cristã, 2,9,14.

<sup>115</sup> A. G. HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit. p. 213; IDEM, “Saint Augustin et la formation du clergé...”, Op. Cit., p. 270.

<sup>116</sup> A Instrução dos Catecúmenos, Op. Cit., p. 51; A nota 55, ao pé da página, esclarece melhor o texto. Cf. também A.G. HAMMAN, “Saint Augustin et la formation du clergé...”, Op. Cit. p. 275.

<sup>117</sup> O Batismo, 6,47.

<sup>118</sup> Carta 93,49.

<sup>119</sup> Regras da Igreja de Cartago, c. 61; cf. também A.G. HAMMAN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit. p. 128.

<sup>120</sup> Carta 108,19.



chamado Abundâncio, além de não jejuar conforme o prescrito, passou a noite de natal com uma mulher da vida<sup>121</sup>. Um diácono chamado Primo, porque foi proibido de freqüentar um mosteiro feminino, aliciou duas monjas, passou para dissidência donatista e terminou entre os circunceliões<sup>122</sup> onde, com as duas ex-monjas entregou-se à orgia e ao amor livre<sup>123</sup>.

No entanto, nem tudo era negativo, embora não fosse fácil, a vida comunitária implantada em Hipona tornou-se “um *seminário*, na verdadeira acepção da palavra: uma *sementeira* da qual os protegidos de Agostinho foram “transplantados” como bispos para as principais cidades da Numídia. Este súbito afluxo de novos homens deve ter afetado drasticamente o equilíbrio de forças na província”<sup>124</sup>, permitindo a S. Agostinho testemunhar que conheceu inúmeros “bispos, presbíteros, diáconos e ministros dos mistérios divinos que foram homens excelentíssimos e santíssimos”<sup>125</sup>.

Alguns de seus sermões tratam explicitamente sobre o ministério do Bispo. Entre eles encontram-se os de aniversário de sua ordenação episcopal<sup>126</sup> e aquele pronunciado, provavelmente no ano 412, por ocasião da ordenação do bispo Antônio da recém formada diocese de Fussala, desmembrada da de Hipona.

O bispo é, antes de tudo sucessor dos apóstolos<sup>127</sup>, com a mesma missão e as mesmas tarefas, principalmente a de servir na humildade, ou seja, o bispo deve ser, na verdadeira acepção da frase, um “*servus servorum Dei*”<sup>128</sup>.

<sup>121</sup> Carta 65.

<sup>122</sup> Braço armado dos donatistas cujo grito de guerra era: “Louvado seja Deus”. Armados com fundas, machados, pedras e lanças, andavam por toda parte “sedentos de sangue inocente” (Com. aos Salmos 54,26).

<sup>123</sup> Carta 35,2.

<sup>124</sup> P. BROWN, “Santo Agostinho, uma biografia”, Ed. Record, Rio de Janeiro/S. Paulo, 2005, p. 176-177.

<sup>125</sup> Os Costumes da Igreja Católica 1,32,69.

<sup>126</sup> Sermão 339 (= FRANGIPANE 2) “O dia de hoje, irmãos, convida-me a refletir mais detidamente na responsabilidade que levo sobre mim. Embora deva pensar nesse peso dia e noite..., o dia de meu aniversário torna-o mais presente aos meus sentidos, de modo que não posso deixar de pensar nele...”.

<sup>127</sup> Comentário ao Salmo 44,32.

<sup>128</sup> Carta 217.



“Aquele que preside ao povo deve ter presente, antes de mais, que é servo de muitos. E isso não há de tomá-lo como uma desonra. Não há de tomá-lo como uma desonra, repito, o ser servo de muitos, porque nem sequer o Senhor dos senhores se recusou de nos servir. Por causa da fraqueza da carne tinha se infiltrado entre os discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo, nossos apóstolos, um certo desejo de grandeza, e a fumaça da vaidade tinha começado a chegar em seus olhos. De fato, segundo o Evangelho, *surgiu entre eles uma disputa sobre quem seria o maior* (Lc 22,24). Porém, o Senhor, médico que se achava presente, cortou aquele tumor. Quando viu o mal que tinha dado origem àquela discussão, pondo diante deles alguns meninos, disse aos apóstolos: *quem não se fizer como um desses meninos não entrará no reino dos céus* (Mt 18,3). Na pessoa de um menino recomendou-lhes a humildade. Não quis, porém, que os seus tivessem mente de menino, dizendo o apóstolo noutra parte: *Não façais como meninos no modo de pensar*. E acrescentou: *No entanto, sede crianças na malícia, para serdes perfeitos no juízo* (1Co 14,20). A soberba é a grande malícia, a primeira de todas, o princípio e a origem, a causa de todos os pecados...

Razão pela qual Paulo, ao mencionar na leitura que escutamos as diversas virtudes que um bispo deve possuir, acrescentou também isto: *Não seja um neófito*, a fim de que, enquanto novo na fé, *não se ensoberbeça e incorra na condenação que cabe ao diabo* (1Tm 3,6).

... Dirigindo-se o Senhor aos apóstolos e confirmando-os na humildade, além de propor-lhes o exemplo do menino, disse-lhes: *aquele que quiser ser o maior, seja o vosso servidor* (Mt 20,26). Vede como não fiz nenhuma afronta a meu irmão, vosso futuro bispo, ao querer e ao convidá-lo a ser vosso servo. Se fiz este convite a ele, antes o fiz a mim mesmo. Não sou um qualquer que fala sobre o que deve ser o bispo, mas falo sendo eu mesmo bispo. O que a ele aconselho, causa-me temor a mim também e faço presente a minha alma o que disse o santo Apóstolo: *Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo ser reprovado* (1Co 9,26-27).

Portanto, para vos dizer tudo em poucas palavras, somos vossos servos; servos vossos, mas ao mesmo tempo, servos como vós; somos servos vossos, porém, temos todos o mesmo Senhor; somos servos vossos, mas em Jesus, como disse o Apóstolo: *Quanto a nós mesmos,*



*apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus (2Co 4,5). Somos servos vossos por ele, que nos fez também livres; disse aos que crêem nele: Se, pois, o Filho vos libertar, sereis realmente livres (Jo 8,36)....*

Assim deve ser o bom bispo. Se não for assim, não é bispo. De que adianta um desgraçado chamar-se Felix (Feliz)? Se acolhes em tua casa um mendigo cheio de misérias, chamado Felix, e dizes a ele: Felix vem pra cá, Felix vai pra lá, Felix levanta-te, Felix senta-te, ele, apesar da múltipla repetição de seu nome, Felix, continuará sendo um infeliz. Semelhante a esse homem é aquele a quem chamam bispo, mas não o é. A honra do nome, nada mais lhe traz a não ser fazer maior o seu crime. Que é um bispo que tem esse nome, mas não o é? É o que se preocupa mais com sua honra do que com a saúde do rebanho de Deus, quem neste ministério tão sublime busca mais seus próprios interesses do que os de Jesus Cristo. Este recebe o nome de bispo, mas não o é. Ser chamado bispo e não ser bispo é usar um nome falso. Para ser o que lhe chamam, não me ouça a mim, mas ouça comigo; escutemos juntos; aprendamos juntos como condiscípulos, na mesma escola do único mestre, que é Cristo, cuja cátedra está no Céu, cátedra que antes foi uma cruz na terra...

Quando o Apóstolo descreve como o bispo deve ser, começa por afirmar: *Quem deseja o episcopado deseja uma coisa boa*. Que significa isto?... Não se trata de ter a ambição de chegar ao episcopado. Procurai entender o que ele diz, que eu procurarei explicar o que penso... Desejar o episcopado não é desejar ser bispo. Desejar é uma coisa boa. Contudo, desejar ser bispo e não realizar obras boas, mas sua própria obra, não é desejar o episcopado. Isto é o que dizíamos há pouco: buscar o nome, mas não a realidade. Quero ser bispo. Se eu fosse bispo! Oxalá fosses bispo! Buscas o nome ou a realidade? Se buscas a realidade, desejais uma coisa boa... Que devo então dizer? Que há bispos maus? De modo nenhum; não há. Atrevo-me a dizer, sem hesitar, que não há bispos maus, porque se são maus, não são bispos. Mas tu fazes-me voltar de novo ao nome, e dizes: É bispo, pois senta-se na cátedra. Também os espantalhos guardam as vinhas<sup>129</sup>.

Confirmando este seu pensamento, na obra *A Cidade de Deus*, S. Agostinho diz que o episcopado é nome designativo de trabalho, não

<sup>129</sup> Sermão 340 A, 1-6 (= GUELF. 32).



de dignidade... Não é verdadeiro bispo quem prefere mais presidir do que servir<sup>130</sup>.

Serviço e humildade são, portanto, as primeiras atitudes de quem pretender exercer o ministério de bispo. Como consequência, surge a convicção de que o bispo é um ser humano como os outros, cheio de limitações, necessitado como os demais da misericórdia de Deus e da compreensão dos fiéis. Expondo o quinto pedido do Pai-nosso, S. Agostinho se inclui como o primeiro pecador.

“Mas talvez me perguntes agora: “Vós também?” “Nós também”. “Vós, bispos santos, também sois pecadores”? “Nós também somos pecadores”. “Mas isso é verdade? Não faleis assim meu senhor, não vos façais esta injúria”. “Não me faço nenhuma injúria, digo a verdade. Nós somos pecadores”: *Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos*”<sup>131</sup>.

“Quem de nós não peca? A começar pelos sacerdotes. Foi dito aos sacerdotes: em primeiro lugar ofereçais sacrifícios pelos vossos pecados, depois pelos pecados do povo”<sup>132</sup>.

No entanto, servir na caridade e com humildade não quer dizer que o bispo renunciou a obediência que lhe é devida, ou que tenha esquecido de sua autoridade. “A nós pertence o cuidado e a vós a obediência, a nós a vigilância pastoral, a vós a humildade da grei”<sup>133</sup>. Não se pode buscar o amor e a complacência dos súditos à custa da ordem e da disciplina.

Um exercício muito concreto e bastante freqüente desta “caridade-autoridade” era a função de juiz. S. Agostinho exerceu esta função com muito ardor e zelo. A ela dedicava grande parte do seu tempo. Segundo o testemunho de Possídio, muitas vezes passava o dia todo nesta função. “Aproveitava a ocasião para ensinar ambas as partes a verdade da lei divina e lhas inculcava. Ensinava-lhes com admoestações como alcançarem a vida eterna, nada pedindo daqueles aos quais dava o seu tempo senão a obediência e a dedicação cristã, devidas a Deus e aos homens. Aos que pecavam, argüia-os diante de todos, para que os demais tivessem temor (cf. 1 Tm 5,20). Fazia-o qual sentinela da casa de Israel, constituída pelo Senhor (cf. Ez 33,7), pregando a palavra oportuna e inoportuna,

<sup>130</sup> A Cidade de Deus, 19,19.

<sup>131</sup> Sermão 56,11.

<sup>132</sup> Sermão 135,6.

<sup>133</sup> Sermões 146,1; 13,8.



argüindo, exortando, censurando com toda longanimidade e doutrina (cf. 2Tm 4,2), cuidando especialmente de instruir aqueles que fossem capazes também de ensinar aos outros”<sup>134</sup>.

Igualmente a consciência de pecado não pode ser desculpa para a falta de santidade do ministro. Aliás, santidade não é ausência de pecado, mas acolhida amorosa da misericórdia divina e esforço sincero para corresponder a esta misericórdia. Por isso o tema da santidade é muito freqüente em S. Agostinho.

Ainda como conseqüência de um serviço exercido na humildade o bispo deve ser pobre. Diante de Deus reconhecer sua miséria e seu nada, diante dos irmãos ser muito misericordioso e nunca pensar em retribuição ou lucro.

No sermão 46, lembrando que S. Paulo trabalhava com suas próprias mãos para se sustentar, conclui:

“Aqueles que não podem fazer o que S. Paulo fez, recebam o leite das ovelhas e sustentem suas necessidades, mas não esqueçam nunca a enfermidade das ovelhas. Não busquem isto para si mesmos como uma comodidade... Aceitem do povo o necessário para o seu sustento e aceitem do Senhor o prêmio de seu ministério”<sup>135</sup>.

Esta atitude de pobreza pregada por S. Agostinho é de grande importância teológica e espiritual. O bispo deve ser consciente que de próprio nada possui e que toda a sua riqueza deve ser: servir e entregar-se aos irmãos.

Ele mesmo é exemplo de simplicidade e de pobreza. Quando lhe ofereciam roupas um pouco mais luxuosas eles as rejeitava dizendo que não eram convenientes à sua função, nem ao seu corpo envelhecido, muito menos aos seus cabelos brancos<sup>136</sup>. Por delicadeza, para consolar a aflição de Sápida, aceitou usar uma túnica mais luxuosa, feita por ela ao irmão que era diácono, mas que morrera antes de usá-la<sup>137</sup>.

<sup>134</sup> POSSÍDIO, “Vida de Santo Agostinho”, 19,4-5.

<sup>135</sup> Sermão 46,5.

<sup>136</sup> Sermão 356, 12.13.15.

<sup>137</sup> Carta 263.





A. Hamann observa que esta forma de pensar e agir talvez tenha sido por reação aos costumes de seu tempo, principalmente nas grandes cidades, em que bispos e clérigos gostavam de usar vestes luxuosas<sup>138</sup>.

Ser pobre supõe valorizar e acolher os pobres. S. Agostinho jamais se descuidou deste compromisso. Aos seus fiéis com frequência pregava advertindo: “Sabei que quem dá pessoalmente alguma coisa aos pobres realiza uma dupla obra de misericórdia. Não se deve pensar só na bondade daquele que dá, mas também na humildade daquele que serve. [...] É coisa importante, irmãos, que deis com as vossas próprias mãos, pois isto agrada muito a Deus...”<sup>139</sup>. No aniversário de sua ordenação episcopal, além de organizar uma grande distribuição de roupas, oferecia também um banquete aos pobres<sup>140</sup>. Conforme informação de Possídio, “se acabavam os recursos da igreja, avisava o povo cristão que nada havia para dar aos pobres. Chegava mesmo a mandar quebrar e fundir vasos sagrados, para distribuir aos prisioneiros, indigentes e necessitados”<sup>141</sup>. Para defender seus fiéis, especialmente os mais pobres, era capaz de esperar uma manhã inteira na ante-sala de um governador<sup>142</sup>. Dizia de si mesmo: “Faço-me mendigo por causa dos mendigos”<sup>143</sup>.

O ministério, entendido como serviço, tem sua expressão máxima no exercício de duas funções: a da palavra e a dos sacramentos.

Na carta 21, ainda como neo-presbítero S. Agostinho se compreendia como “um homem que administrava ao povo o sacramento e a palavra de Deus”. Possídio, seu primeiro biógrafo, o define, em seu leito de morte como um bispo “dispensador da palavra e do sacramento” e que “até a sua última doença, na igreja pregava a palavra de Deus ininterruptamente, com zelo e fortaleza, tendo conservado mente lúcida e julgamento correto”<sup>144</sup>.

Segundo P. Couturier, a expressão “dispensador da palavra e do sacramento” ocorre 27 vezes nas obras de S. Agostinho<sup>145</sup>.

<sup>138</sup> A. HAMANN, “Santo Agostinho e seu tempo”, Op. Cit. p. 208.

<sup>139</sup> Sermão 259,5.

<sup>140</sup> Sermão 339,3.

<sup>141</sup> POSSÍDIO, “Vida de Santo Agostinho”, 24,14-15; Sermão 161,13.

<sup>142</sup> Sermão 302,17.

<sup>143</sup> Sermão 66,5.

<sup>144</sup> POSSÍDIO “Vida de Santo Agostinho”, 27,7; 31,4.

<sup>145</sup> Citado por J. PINTARD, “Le sacerdote selon S. Augustin”, Op. Cit. P. 373.



É dever do bispo pregar a palavra, mesmo se não for escutado. Do exercício deste ministério depende também a sua própria salvação. “Quem não preferiria o silêncio, se não tivesse de responder por todos vós? Porém, aceitamos este encargo e não podemos nem devemos tirá-lo de nossos ombros”<sup>146</sup>. “Falando-lhes salvo minha alma. Se me calo, não só me encontro em um grande perigo, mas também em uma irreparável perdição. (...). Se, por acaso, vocês não me ouvirem e eu continuar falando, salvarei minha alma...”<sup>147</sup>. Um bispo que senta na cátedra e não cumpre o seu ofício de pregar a Palavra é como um espantalho que guarda a vinha<sup>148</sup>.

O “dispensator verbi” é também “dispensator sacramenti” porque palavra e sacramentos são termos correlativos, mutuamente relacionados. Nos sacramentos a palavra atinge o máximo de sua eficácia e na palavra os elementos (água, pão, óleo...) se fazem sacramentos. “Que é o batismo de Cristo? É a ablução da água com a palavra. Se não se usa água, não há batismo, se não se pronuncia a palavra, não há sacramento”. “Suprime a palavra, e a água é simplesmente água. Mas, se juntamos a palavra ao elemento, há sacramento, que é também ele como que uma palavra visível”<sup>149</sup>.

Enquanto “dispensator sacramenti”, S. Agostinho combate a prática de retardar o batismo das crianças para o período de adolescência ou juventude. Segundo ele, em situação de alta mortalidade infantil como era o mundo de então, os pais que assim agiam, comportavam-se como cegos, expondo seus filhos à condenação eterna. “Não ousemos prometer às crianças, fora do batismo de Cristo, uma salvação eterna que a Sagrada Escritura não promete... *Eu vim ao mundo para ser luz, a fim de que todo o que crê em Mim não fique nas trevas* (Jo 12,46). A nossa mãe Igreja não duvida de que esta iluminação se realiza nas crianças pelo sacramento do batismo”<sup>150</sup>.

Convicto da necessidade do batismo para a salvação, Santo Agostinho insiste na sua recepção em perigo de morte, mesmo que a pessoa esteja inconsciente e receba à revelia o sacramento. Neste sentido relata sua própria experiência acontecida nos tempos de juventude. “Na época

<sup>146</sup> Sermão 82,15.

<sup>147</sup> Sermão 17, 2.

<sup>148</sup> Sermão 340 A, 6.

<sup>149</sup> Tratado sobre o Evangelho de João 15,4; 80,3.

<sup>150</sup> O perdão dos pecadores e o batismo das crianças, 1,33.38.



em que eu começava a ensinar na cidade em que nasci, travei relações com um amigo que, tendo os mesmos interesses de estudo, veio a ser muito querido... Atacado pela febre, permaneceu por muito tempo inconsciente, banhado em suores mortais; como não havia esperança de salvá-lo, foi batizado à revelia, sem que eu me importasse com isso, persuadido como estava de que seu espírito reteria o que de mim recebera, de preferência ao que lhe fora feito sobre o corpo inconsciente. Sucedeu, porém, exatamente o contrário. Recobrou ânimo e, fora de perigo, logo que pudemos conversar (o que aconteceu imediatamente, mal pôde falar, pois não me afastava de seu lado, de tal maneira estávamos ligados um ao outro), tentei pôr em ridículo diante dele o batismo que recebera sem a colaboração do pensamento e dos sentidos. Ele já fora informado de tê-lo recebido. Eu estava certo de que ele se riria disso comigo. Mas, pelo contrário, olhou-me aborrecido como a um inimigo, e, com extraordinária e veemente franqueza, avisou-me de que não falasse desse modo se quisesse ser seu amigo. Estupefato e perturbado, preferi não manifestar no momento minha reação, até que se restabelecesse e recobrasse as forças, para depois tratar do assunto a meu modo. Ele, porém, foi arrancado da minha loucura para ser conservado junto a ti, para minha consolação: poucos dias mais tarde, estando eu ausente, a febre voltou, e ele morreu<sup>151</sup>. Sua convicção sobre esta questão era tão forte que não vacilava em batizar até mesmo os adúlteros mais descarados e recalcitrantes<sup>152</sup>.

No exercício da função de “dispensator sacramenti”, S. Agostinho cuidava para que a participação dos fiéis fosse ativa, frutuosa, consciente, plena, interna e externa, como diríamos nós hoje (cf. SC 11). Neste sentido, não se cansa de falar sobre os diversos ritos e gestos litúrgicos, explicando-lhes o sentido e apontando para os sentimentos e atitudes com que deviam ser realizados. Por exemplo: sobre o Amém que se diz em diversos momentos da celebração, comenta que é como subscrever um documento, ou seja, conferir validade ao que acaba de ser feito ou proposto pelo presidente da celebração<sup>153</sup>. Só se assina um documento depois de conhecer seu conteúdo. Da mesma forma só se diz Amém quando se conhece o seu sentido e significado. Sobre o convite – *Corações ao alto* – da introdução do prefácio escreve: “Toda a vida dos verdadeiros cristãos consiste em levantar o coração; ter durante toda a

<sup>151</sup> Confissões, 4,4,7-8.

<sup>152</sup> A fé e as obras, 6,8-9.

<sup>153</sup> Sermões 27 e 272.



vida o coração no alto é a preocupação dos que são cristãos não só de nome, mas também na realidade e na verdade. Que quer dizer Coração ao alto? É pôr a esperança em Deus, não em ti, porque tu estás abaixo, mas Deus está acima. Se pões a esperança em ti mesmo, o teu coração está em baixo, não está no alto. Por isso, quando ouvis o sacerdote dizer: Coração ao alto, respondeis: o nosso coração está levantado para o Senhor. Esforçai-vos por responder com verdade, porque a vossa resposta ficará nas atas de Deus. Sejam as coisas como as dizeis; o que a língua diz não o negue a vida”<sup>154</sup>.

Um documento da Santa Sé, em sua introdução afirma que o clima cultural de hoje se assemelha muito à época patrística. Como naquela época, “também hoje um mundo chega ao ocaso e outro está nascendo. Como outrora, também hoje a Igreja está realizando um delicado discernimento dos valores espirituais e culturais, num processo de assimilação e de purificação, que lhe permite manter a sua identidade e oferecer, no complexo panorama cultural de hoje, as riquezas que a expressividade humana da fé pode e deve dar ao nosso mundo”<sup>155</sup>. O documento faz esta introdução para justificar a importância e a necessidade do estudo dos Santos Padres na formação dos seminaristas, nossos futuros padres. Meu desejo é que este artigo tenha contribuído, se bem que modestamente, no esforço de se fazer o “delicado discernimento de valores espirituais e culturais” apontado pelo documento.

*Endereço do Autor:*

Av. Getúlio Vargas, 171-S Centro

Cx postal 726 (CEP 89801-970)

89801-001 Chapecó, SC

E-mail: [diocese@diocesechapeco.org.br](mailto:diocese@diocesechapeco.org.br)

<sup>154</sup> Sermão229 (= Denis 6), 3.

<sup>155</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Instrução sobre o estudo dos padres da Igreja na formação sacerdotal, Roma, 1989, p.3-4.